

Desafios e Aprendizados durante o Estágio Supervisionado: Minha Experiência no Centro Juvenil

Resumo:

Está escrita tem como objetivo refletir e relatar sobre a minha experiência como futura professora de matemática, durante o meu primeiro estágio, bem como trazer as provocações de se lidar com o ensino não convencional, buscando produzir reflexões críticas sobre a minha própria prática. Como aportes teóricos, dialogamos com o campo de estágio supervisionado e os seus elos com a identidade profissional na formação de professoras (es) de matemática, com vistas para o ensino não convencional. O estágio foi realizado no PL 2024.2, no Centro Juvenil de Ciência e Cultura de Vitória da Conquista. Descrevemos os desafios em integrar matemática e astronomia na oficina “No mundo da Lua”. Como resultados, durante a regência, destacamos a importância da interdisciplinaridade, do planejamento pedagógico e do uso de estratégias didático-pedagógicas criativas, para facilitar a aprendizagem. A experiência reforçou a relevância da relação entre estagiárias, professor regente e professora orientadora, ampliou também a visão sobre o ensinar e evidenciou a necessidade de adaptação às diferentes realidades educacionais.

Palavras-chaves: Identidade Profissional. Estágio Supervisionado. Interdisciplinaridade. Formação de Professores. Planejamento.

1 Estágio Supervisionado: O Convite

Joseph Joubert, ensaísta e moralista francês, conhecido por suas reflexões filosóficas e ditados sobre a vida, o conhecimento e a educação, relata que: “Ensinar é aprender duas vezes”. Em atenção a epígrafe, citada por Joubert, somos convidados a refletir sobre o ato de ensinar. Isso também se alinha as reflexões propostas por Paulo Freire em “Carta de Paulo Freire aos Professores” quando ele nos diz que devemos “[...] ensinar, não como um burocrata da mente, mas reconstruindo os caminhos de sua curiosidade – razão por que seu corpo consciente, sensível, emocionado, se abre às adivinhações dos alunos, à sua ingenuidade e à sua criatividade” (Freire, 2001, p. 259). Por isso, não podemos compreender a nossa formação como uma tarefa simplista, muito pelo contrário, ela está carregada de sentidos e significados.

Daniele Bomfim Santos

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Vitória da Conquista, BA – Brasil

 <http://orcid.org/0000-0000-0000-0000>
✉ bomfimdani2005@gmail.com

Gerson dos Santos Farias

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Vitória da Conquista, BA – Brasil

 <http://orcid.org/0000-0002-5941-8095>
✉ gerson.farias@uesb.edu.br

Recebido • 04/04/2025

Aprovado • 05/06/2025

Publicado • 08/08/2025

Relato de Experiência

Frente a isso, ao assumir o período de regência, dentro de processo de ensino e aprendizagem, temos que revisitar conteúdos e metodologias, anteriormente, estudadas e destrinchadas em nossa formação inicial, entretanto, nessa volta somos provocados a desenvolver uma reflexão crítica sobre a nossa profissão, para que sejamos capazes de reestruturar e ressignificar tais assuntos, com o objetivo de incentivar a produção de conhecimentos matemáticos, dentro e fora da sala de aula. O estágio supervisionado, para mim, foi um convite a reflexão sobre a minha própria prática como futura professora de Matemática.

Na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus de Vitória da Conquista, o Estágio Supervisionado I é um componente curricular obrigatório, com carga horária total de 135 horas. Essa carga é distribuída entre os encontros formativos realizados na universidade, sob orientação do professor supervisor e a atuação mediada do estagiário no ambiente escolar. O estágio, na modalidade ensino, se desenvolve em três etapas principais: observação, na qual o estagiário acompanha as aulas do professor regente, observando suas práticas pedagógicas e construindo um diário de campo; coparticipação, momento em que o futuro docente passa a auxiliar o professor regente, contribuindo com o planejamento e a condução das aulas; e, por fim, a etapa da regência, quando o estagiário assume a responsabilidade de ministrar as aulas, a partir da mobilização dos conhecimentos teóricos e práticos adquiridos ao longo da formação inicial (UESB, 2004).

Ainda considerando a fala de Joseph, pude evocar a minha experiência dentro do Estágio Supervisionado I, destinado aos anos finais do ensino fundamental e exercido dentro do Centro Juvenil de Ciência e Cultura em Vitória da Conquista - BA, onde fui submetida a vivenciar o sentido da fala do moralista francês, bem como impulsionada pelos estudos de Freire. Durante o quinto período da minha graduação de licenciatura em matemática na UESB, fui desafiada a encarar o meu primeiro estágio supervisionado, porém, para minha surpresa, fui informada que não atuaria dentro de uma instituição de ensino convencional. Apesar da descrença de que seria uma experiência edificante para minha formação, aceitei o desafio e fui destinada ao Centro Juvenil de Ciência e Cultura de Vitória da Conquista (CJCC).

O Centro Juvenil é uma escola não convencional, que carrega sobre si um caráter inovador, promovendo o desenvolvimento e aplicação de atividades extracurriculares criativas e dinâmicas, por meio de oficinas que visam atrair os discentes para um ensino criativo em áreas diversas. Essas oficinas são abertas a estudantes de diversas escolas, que buscam se aprofundar em algum conhecimento específico de sua preferência.

Apesar de todas as disputas dentro de mim mesma, aceitei o envolvimento e embarquei nesta aventura formativa. Frente ao exposto, tenho como objetivo refletir e relatar a minha experiência como futura professora de matemática, durante o meu primeiro estágio, bem como trazer as provocações de se lidar com o ensino não convencional, buscando produzir reflexões críticas sobre a minha própria prática, uma vez que trabalhamos com a aplicação de conteúdos matemáticos nos anos finais do ensino fundamental, dentro de uma oficina de astronomia.

2 Estágio Supervisionado, Identidade Profissional e o Ensino não convencional

O estágio supervisionado se constitui como um espaço de formação onde temos a oportunidade de nos aproximarmos da realidade escolar, de modo a exercer atividades relacionadas a nossa profissão. É no período de estágio, que de fato conhecemos e desenvolvemos uma identidade profissional, enraizada dentro do contexto educacional. Saímos do ambiente acadêmico e enfrentamos os desafios de articulação e produção dos conhecimentos obtidos na universidade em parceria com a escola, onde ambas se interligam com a prática social mais ampla. Segundo Filho (2010 apud Bernardy; Paz, 2012, p. 2) “[...] o Estágio Supervisionado é considerado um elo entre o conhecimento construído durante a vida acadêmica e a experiência real, que os discentes terão em sala de aula quando profissionais”.

A incorporação de uma visão crítica sobre a nossa prática contribui para a construção da nossa identidade profissional, “[...] sendo o estágio, por excelência, um lugar de reflexão sobre a construção e fortalecimento da identidade [...]” (Pimenta; Lima, 2017, p. 51). Como um espaço propício para a construção e o fortalecimento das nossas identidades profissionais, a partir das trocas de experiências entre a escola e a universidade, estando unidas na formação de professoras e professores de Matemática.

O estágio supervisionado, portanto, torna-se um espaço privilegiado não apenas para a vivência da prática docente, mas também para a reflexão crítica sobre os caminhos do ensino e da aprendizagem, permitindo-nos questionar modelos tradicionais e buscar alternativas mais significativas. Ao experimentar metodologias que rompem com o ensino convencional, o licenciando amplia sua compreensão sobre o papel social da escola e do professor, construindo uma identidade profissional pautada na valorização do pensamento crítico, da autonomia e da criatividade. Afinal,

A maioria das pessoas simplesmente não entende os propósitos do professor e, menos ainda, por que determinados conteúdos e conceitos são trabalhados e não outros. A escola convencional tem se limitado à formalização e imitação de ideias alheias, e não incentiva a valorização da construção de ideias, o livre raciocínio, a iniciativa (Fagundes et al., 2012, p. 2).

Assim, ao nos apropriarmos de práticas que estimulam o pensamento autônomo e crítico, fortalecemos nossa identidade enquanto educadores comprometidos com uma educação transformadora.

3 Oficina: no mundo da lua

Este tópico apresenta os nossos procedimentos metodológicos, aplicados para a produção de dados do relato de experiência. Durante a licenciatura em matemática na

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), para além dos demais componentes formativos, nos é também requerido a realização de quatro estágios supervisionados, dispostos em diferentes momentos do curso, sendo cada estágio endereçado a uma etapa, ou mesmo, a uma modalidade da Educação Básica, conforme o projeto pedagógico de curso. No quinto semestre, participamos do Estágio Supervisionado I, no PL 2024.2, que tem por público-alvo os anos finais do ensino fundamental.

Ao me dispor em participar de tal estágio, fui direcionada pela professora orientadora para o Centro Juvenil de Ciência e Cultura (CJCC), onde em dupla com outra estagiária, participante da mesma turma, fomos selecionadas para trabalhar com a oficina “No mundo da Lua”. Ela era voltada para questões astronômicas, sendo realizada uma vez por semana, das 9h às 12h, distribuída em 3h semanais.

O Centro Juvenil de Ciência e Cultura (CJCC) de Vitória da Conquista é um ambiente pedagógico inovador, que traz uma abordagem de ensino diferente daquela aplicada dentro das instituições convencionais. As atividades desenvolvidas são oficinas voltadas para diversos temas criativos, tais como: moda, astronomia e culinária entre outros. De maneira implícita são aplicados conteúdos com foco no atendimento das competências e habilidades previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Vale salientar, que em atividades comuns, do nosso cotidiano, encontramos uma bagagem de conteúdos, que, por muitas vezes, nos passa de forma despercebida.

O intuito da nossa participação seria encontrar questões matemáticas dentro dos conteúdos astronômicos ministrados pelo professor regente. Dessa forma, o trabalho em equipe foi essencial para o bom funcionamento do estágio. Confesso que senti muito receio em participar, pois além de ser o primeiro estágio, o desafio se tornou ainda maior quando tive que conciliar o ensino da matemática com questões astronômicas, em uma perspectiva interdisciplinar.

Um ponto que facilitou o estágio foi a relação interpessoal entre professor regente e as estagiárias. Desde o primeiro momento, ele se mostrou acolhedor e entusiasmado com a parceria. Dentre todo o tempo de trabalho ele se manteve aberto ao diálogo, sempre com muito cuidado, trazendo reflexões, apoio e sugestões de melhora. Durante toda nossa regência, ele permaneceu em sala, entretanto sua postura não fazia referência a uma fiscalização e sim, a um apoio de formação. Dessa forma, ele nos proporcionou um ambiente que fosse possível experimentar, errar e aprender, sem o peso do julgamento, em outras palavras, a aprendizagem se tornou mútua e envolvente.

Desde o começo me senti insegura com o fato de atuar em uma instituição não convencional. Apesar de todas as inseguranças, das exigências complexas advindas das aulas na universidade e da pouca experiência, minha relação com o professor regente e com os alunos fortaleceu a minha segurança em sala de aula, desenvolvendo em mim uma reflexão crítica sobre minhas práticas pedagógicas.

O planejamento da oficina já havia sido realizado antes da nossa chegada, dessa forma, foi preciso adaptar nosso trabalho aos conteúdos e dias previstos. Em comunhão com a outra estagiária, investigamos todos os planos de aula já concluídos pelo professor

regente, e em parceria com a BNCC, analisamos quais os conteúdos dos anos finais do ensino fundamental se encaixariam na temática, com vistas para as aprendizagens daquelas turmas. Surpreendentemente, após uma análise crítica da situação de estágio e do nosso trabalho em equipe, percebemos o quão enriquecedor seria para a nossa bagagem como futuras professoras. Aplicamos diversos conteúdos, mas aqueles que mais me atraíram foram: polígonos, poliedros e a definição e classificação de ângulos, todos voltados ao ensino de geometria.

De acordo com o planejamento da oficina, uma das aulas foi dedicada à apresentação do relógio de sol. Foi então, que trabalhamos as noções de ângulos. No primeiro momento, iniciamos a aula trazendo uma reflexão: “Como as pessoas, antes das tecnologias, hoje existentes, sabiam às horas? A resposta foi tímida, rápida e com entonação duvidosa: “pelo céu”. Nesse momento apresentamos o relógio de sol, um instrumento utilizado para medir o tempo com base na posição do sol no céu. Ele funciona projetando a sombra de um objeto chamado gnômon sobre uma superfície marcada com escalas de tempo. Conforme a movimentação do sol, a posição da sombra também muda, indicando as horas. Explicamos a diferença do relógio de sol para o relógio tradicional.

No segundo momento, falamos que o relógio tradicional avançava um ângulo de 30° por hora, enquanto, o relógio de sol avançava 15° . Foi aí que questionamos para os discentes sobre o conceito de ângulo. Juntando suas respostas, conseguimos formalizar a definição. Em seguida entregamos um poema que explicava sobre o funcionamento do relógio de sol, mas que, intencionalmente, citava as classificações dos ângulos (agudo, obtuso e reto). Conversando com eles, perguntamos se já haviam ouvido falar sobre esses tipos de ângulos e, novamente, com a junção dos seus conhecimentos, fomos construindo em conjunto a definição de cada ângulo. Em seguida, para fixar as classificações, entregamos uma foto de alguns relógios com diferentes horários marcados, e pedimos para que eles falassem qual tipo de ângulo estava sendo formado pelos ponteiros. Eles participaram de forma ativa desse momento da aula.

No terceiro momento da oficina, distribuímos os materiais necessários para que os alunos construíssem seus respectivos relógios de sol, como ilustrado na Figura 1. Durante essa etapa, circulamos pela sala auxiliando-os, já que a construção exigia o uso do transferidor para realizar a divisão de 15° por hora. Embora tenham apresentado certa dificuldade inicial, conseguimos sanar todas as dúvidas. Apesar do tempo demandado, a atividade foi bastante prazerosa; alguns estudantes, inclusive, personalizaram seus relógios de sol, demonstrando criatividade e habilidades artísticas. Devido à complexidade, a construção foi concluída apenas na aula da semana seguinte. Os resultados podem ser observados na Figura 2. Ainda na semana seguinte, o professor regente promoveu uma participação especial, conduzindo os alunos ao pátio para testar seus relógios de sol, com o objetivo de aprofundar a compreensão de conceitos astronômicos.

Figura 1: Construção do relógio de Sol



Fonte: Acervo da autora

Figura 2: Relógios de Sol



Fonte: Acervo da autora

Ao longo de todo o estágio, vivenciamos experiências desafiadoras e, ao mesmo tempo, gratificantes, que nos conduziram a uma reflexão crítica sobre nossas atitudes em sala de aula. Tais experiências exigiram de nós um posicionamento consciente enquanto professoras de Matemática em formação, possibilitando-nos a experiência de forma concreta da realidade escolar, com o suporte do professor regente e da professora orientadora.

4 Reflexões sobre a nossa própria prática

Neste tópico, apresentamos os resultados obtidos durante a realização das atividades de Estágio Supervisionado I, no Centro Juvenil de Ciência e Cultura de Vitória da Conquista, em específico na oficina “No mundo da Lua”. Com a realização do estágio, espera-se que nós consigamos adquirir uma visão crítica da nossa atuação profissional (Oliveira; Cunha, 2006). Dessa forma, trabalhar com matemática em uma oficina que tinha como centro a astronomia, foi um processo desafiador, mas que contribuiu, consideravelmente, para a produção de habilidades didático-pedagógicas, como o manejo de conteúdos matemáticos em diferentes contextos do nosso cotidiano, como é o caso do estudo de ângulos por intermédio dos relógios. Esse processo exigiu de nós um planejamento pedagógico cuidadoso, mediado por uma atividade de reflexão constante e, até mesmo, ousada de nossa parte, uma vez que tivemos que mobilizar a interdisciplinaridade, tendo em vista que:

A Matemática está integrada à vida em sociedade, fazendo-se extremamente presente no dia a dia, sendo um saber que possui um extenso campo de aplicação. Todavia, sua aplicabilidade não é tão evidenciada nas escolas. Dessa maneira, os

alunos costumam ter uma falsa ideia de que os conteúdos matemáticos ensinados na escola não passam de um saber formal, desvinculado do mundo prático. Diante disso, surge a importância de se integrar a Matemática a diversas outras áreas de conhecimento e, consequentemente, ao entendimento do conceito de interdisciplinaridade dentro do plano de estudo das escolas (Passos; Nicot, 2021, p. 8).

A interdisciplinaridade entre a Matemática e a Astronomia foi fundamental para a construção de conhecimentos ao longo da aplicação da oficina, preservando nossa postura interdisciplinar (Passos; Nicot, 2021), enquanto futuras professoras de Matemática, em parceria com os demais envolvidos. Durante todo o período de regência trabalhamos com a interdisciplinaridade, estabelecendo diálogos entre diferentes áreas do conhecimento. Pudemos definir como um exemplo, a aula voltada para ângulos, onde trabalhamos para além da matemática, questões históricas e astronômicas.

Outro ponto importante a ser discutido, foi a interação entre professor regente e estagiárias, que foi estabelecida no diálogo, na compreensão e no respeito, para que exista o bom funcionamento do estágio. Sem dúvidas, a postura do professor regente contribuiu, significativamente, para que o estágio ocorresse de maneira leve. Sobre isso, destacamos que

[...] o relacionamento dos jovens professores com os professores experientes, os colegas com os quais trabalhamos diariamente ou no contexto de projetos pedagógicos de duração mais longa, o treinamento e a formação de estagiários e de professores iniciantes, todas essas são situações que permitem objetivar os saberes da experiência (Tardif, 2002, p. 52).

Em suma, o estágio foi um marco importante na minha formação, proporcionando uma combinação de conhecimentos teóricos e práticos, que contribuíram para a formação da minha identidade profissional. A aplicação do ensino de matemática, numa esfera fora do tradicional, fez-me refletir em possíveis (futuras) possibilidades de aplicação fora dos padrões propostos em sala de aula. Diante dos nossos relatos, caminhamos para as nossas possíveis considerações.

5 Considerações finais

O objetivo da nossa escrita foi refletir e relatar a minha experiência como futura professora de matemática, durante o meu primeiro estágio, bem como trazer as provocações de se lidar com o ensino não convencional, buscando produzir reflexões críticas sobre a minha própria prática, onde aplicamos conteúdos matemáticos voltados aos anos finais do ensino fundamental, dentro de uma oficina de astronomia.

Tal experiência me permitiu uma conclusão satisfatória, pois, admiravelmente, tal prática proporcionou uma ampliação sobre o significado de ser professora de Matemática. Entender que o ato de ensinar está para além das paredes de uma sala de aula, sendo uma atitude que transforma, não apenas o professor, como também a comunidade inserida.

O Centro Juvenil se apresentou como um local que instiga docentes e discentes a pensarem criticamente. Aqui, concluímos lembrando da fala de Joseph Joubert, pois de fato, ensinar é aprender duas vezes. Este relato de experiência é o começo de uma longa caminhada de pesquisas no campo da educação matemática, em especial com a temática de estágio e identidade profissional. Futuramente, pretendemos realizar experiências que tragam uma visão ainda mais ampla sobre o estágio e as suas relações com os processos identitários na formação inicial, sendo esse o meu tema de trabalho de conclusão de curso.

Referências

- BERNARDY, K.; PAZ, D. M. T. **Importância do Estágio supervisionado para a formação de professores**. Disponível em: <https://www.unicruz.edu.br/seminario/downloads/anais/ccs/importancia%20do%20estagio%20supervisionado%20para%20a%20formacao%20de%20professores.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2025.
- FAGUNDES, C. A. N.; POMPERMAYER, E. M.; BASSO, M. V. de A.; JARDIM, R. F. Aprendendo Matemática com Robótica. **RENOTE**, Porto Alegre, v. 3, n. 2, 2005. DOI: 10.22456/1679-1916.13943. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/13943>. Acesso em: 2 de maio de 2025.
- FREIRE, P. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estudos avançados**, v. 15, p. 259-268, 2001.
- OLIVEIRA, E. S. G.; CUNHA, V. L. O estágio Supervisionado na formação continuada docente à distância: desafios a vencer e Construção de novas subjetividades. **Revista de Educación a Distancia**. Ano V, n. 14, 2006. Disponível em <http://www.um.es/ead/red/14/>. Acesso em: 07 jan. 2025.
- PASSOS, A. P.; NICOT, Y. E. Interdisciplinaridade na Matemática através da Aprendizagem Significativa. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 9, p. e54210918294-e54210918294, 2021.
- PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência**. – 8. Ed – São Paulo. Cortez Editora. 2017.
- TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- UESB. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. **Anexo Único da Resolução Consepe Nº 98/2004**. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, Campus de Vitória da Conquista – Bahia, 2004.